

Um dos temas mais repetidos nas rodas e instituições ligadas ao meio empresarial é a crescente falta de mão de obra qualificada, capaz de permitir a produção sustentável e competitiva de produtos que disputam mercados com concorrentes internacionais.

De fato, o espetacular aumento do mercado interno brasileiro - com a chegada de mais de 30 milhões de pessoas à classe C - determinou uma explosiva procura por bens de consumo, imóveis, veículos, entre outros, exigindo dos produtores um crescimento que não estava planejado. A ascensão ao mercado de milhares de consumidores dos países emergentes também ampliou a possibilidade de mais exportações, principalmente de commodities, e este fato ajudou a imprimir mais ritmo na sua produção.

E o país não estava preparado para responder a todas as demandas no que diz respeito a recursos humanos qualificados.

Como todo mundo sabe, nossa preocupação com educação no passado não foi das mais relevantes. Com isso, nossa mão de obra, inclusive a especializada, deixou muito a desejar. Estamos agora pagando por esta falha. Talvez as prestações deste pagamento ainda prevaleçam por um bom tempo...

Se o tema é muito preocupante em todos os setores da atividade urbana, não é menos sério na área rural.

A última Agrishow realizada em Ribeirão Preto de 30 de abril e 4 de maio, mostrou isso: máquinas potentes e moderníssimas que custam pequenas fortunas, equipadas com GPS e outros equipamentos de última geração acabam sendo dirigidos por operadores com baixa qualificação, treinados em cursos organizados por revendedores, fabricantes e por associações de produtores rurais.

São máquinas que servem quase só para grandes produtores, até porque estes podem pagar bons salários aos operadores. Já os médios e os pequenos não conseguem recursos para comprar estes gigantes e, quando conseguem, não têm gente para operá-los.

E mais ainda: quando treinam bem seus operadores - até mesmo seus próprios filhos - acabam perdendo-os porque vão trabalhar em grandes empresas agrícolas que pagam mais.

Tudo isto é gargalo para a competitividade do agro brasileiro. A produção de máquinas pequenas e baratas é uma das saídas para a mecanização dos produtores menores, mas a grande solução é formar gente, muita gente, qualificar operadores em grande quantidade, e isso é função do setor privado e também do governo.

Toda esta temática se reflete em uma gritante realidade: a agricultura de hoje é muito mais complexa do que no passado. Tecnologias, capital, gestão e conhecimento são fundamentais para ter renda. E isso tudo depende de gente.

Os preços dos fatores ligados ao campo vem evoluindo de forma muito desigual. Dados de 2000 a 2010 mostram isso claramente. Neste intervalo, a inflação medida pelo IGP-DI, do IBRE-FGV, foi de 128%.

Enquanto isso, o valor de terras para lavouras, por exemplo, cresceu 376%, quase 3 vezes mais que a inflação. Claro que isso é explicável: terra é um bem finito, não vai ser “criada” a mais. Além disso, terra no Brasil virou objeto de desejo de investidores nacionais e estrangeiros para produzir ou para especular.

Já o custo de produção dos principais cultivos teve aumentos diferentes, em função dos fatores usados (insumos, máquinas, etc): a soja no Mato Grosso teve aumento de custos de 141%, enquanto o milho no Paraná variou 229% (Agroconsult). Parte destes custos se deveu a variação dos preços dos fertilizantes, mas também entre eles houve diferenças no período: o super fosfato simples teve aumento de 125%, o MAP de 147%, e o cloreto de potássio, de 192% (segundo fontes do setor).

E a mão de obra?

Segundo o IBRE/FGV, no mesmo período a mão de obra do IPP cresceu 192%.

Os salários subiram mais que a inflação e perto dos custos de produção. Só menos que a terra, é claro.

Porque? Porque falta gente. Aí está a grande missão dos S do campo. SENAR, SESCOOP, e até SEBRAE, atenção: precisamos de GENTE treinada e capacitada no campo.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**